

Deixa-me transcrever essas magnificas estrophes :

Disse o joven sargento: «Em quanto junto aos bravos,
No campo do estrangeiro a Patria eu defendia,
Meu pai (que foi outr'ora o meu *senhor*) vendia
A minha pobre māi a um mercador de escravos.»

Na venda d'esta infeliz māi escrava, e pelo proprio *senhor* que com ella houvera um filho brioso que se batia em defeza da Patria, justamente no momento em que era vendida, synthetisas toda a infamia da escravidão, ou antes demonstras que a escravidão é a *somma de todas as infamias*, segundo a expressão de Wesley, e de todos os bemfeiteiros da humanidade.

2º Pária:

Disse o corneta: «Eu vi meu pai, arcabuzado
Cahir, estrebuchando; ao pé da bateria
Onde fizera fogo... E em quanto elle morria :
Eu vibrava o clarim á frente do quadrado.»

Está aqui burilado o verdadeiro heroísmo que coloca o amor da Patria ácima de tudo, até mesmo n'este momento luctuoso em que morre um pai pela mesma causa santa porque se bate seu filho. — São, pois, dois heróes — accão que electriza e exemplifica gloriosamente: — Esse clarim tem *vibrações* que todos ouvem, assim como os gemidos d'esse pai moribundo; — ainda mais: — é um symbolo do dever militar, e um symbolo da *Gloria* que entrevê aquelle soldado á frente d'ò quadrado, e o pai moribundo em frente á Eternidade !

3º Pária:

Disse o velho anspeçada (e arrebentou-lhe o pranto):
« Quando voltei ao lar, ferido do combate,
Achei minha mulher nos braços d'um mascate...
Estranguleia-a aos pés!... — E eu a amava tanto ! »

Eis o sentimento da honra ultrajada que desvaira o homem casado brioso que mata a esposa adúlera, e ao mesmo tempo um remorso, portanto, um arrependimento, um castigo quando elle diz:

«..... E eu a amava tanto ! »

Não podias dedicar-me um trabalho mais ispirado e mais *volumoso* do que esses estrophes que ahi ficam immortalisadas no teu livro ultimo de *Prismas e Vibrações*.

D'essas estrophes, crê, é que emergem os *Prismas e Vibrações* que dão o nome ao teu livro e o iluminam entre acórdes harmoniosos.

Não ha no teu livro poesia que contenha idéas mais colossaes: — é a epopéa dos sentimentos nobres.

Esses *Tres Párias* valem o teu livro.

Só essa poesia bastava para sagrar-te poeta !

Ahi, em tão estreito molde, fundiste um mundo de idéas !

(Continúa)

Conto rimado

HISTORIA DE UM GATO.

— Que horror ! que barbaridade gritou afflecto o Martinho, ao ver o gato estimado

enforcado

no quintal do seu visinho.

— Ha maior perversidade ? que mal lhe fez o bichinho ? não me dirá sôr visinho ?

não me dirá ? —

Torna-lhe o outro — Esta agora não está má !

Entende então que fui eu ? ora !... ora !... —

— O senhor, ou alguém seu... —

— De veras ? pois enganou-se

o meu amigo ;

este seu gato eu lhe digo,

tinha paixão escondida ;

um dia scismou, zangou-se,

tomou horror a esta vida

por fim...

— Por fim ?

— Suicidou-se.

A. Pio.

Vagalumes

Arthur tinha uma chusma de credores que o aporrinhavam...

Arthur deu ordem ao criado que não estava em casa para ninguem, fosse quem fosse e a que horas fosse.

O criado cumpria á risca a ordem do amo.

— Sr. Arthur está ?

— Não senhor... saiu ; foi á Praia Grande. Estes dialogos ouvia-se todos os dias á porta do nosso Arthur, estudante de medecina, discípulo do doutor França & Leite... parteiro e operadör.

Um dia Arthur ainda estava deitado. Eram sete horas de uma fria manhã de Junho, quando entrou-lhe um sujeito pela porta a dentro.

— Hom'essa ! quem é o senhor ? entrou pelo buraco da fechadura ? disse o estudante zangado, mas sempre conservando certa veia sarcastica, que não o abandonava nunca.

— Pois o senhor não me conhece ? devérás ? esta agora ! Eu sou um creador criado e... credor — responde o sujeito com ares de quem não admittia replicas.

— Credor ! mas então diga-me : em que o senhor crê ?

— Creio em que o Senhor me deve aquella continha e nunca mais se lembrou de pagar.

— Ora, meu amigo ! isto é superstição sua ! — disse Arthur cobrindo-se por causa do frio.

KARR. A. PATO.

CARTA A MUCIO TEIXEIRA

(Depois de ler seu ultimo livro)

(Conclusão)

Não quero ser eg oísta e nem julgado parcial no affecto por esses *Tres Párias*.

Ha no teu livro muitas outras gêmmas preciosas que deslumbrão, como sejão:

— *A Dedicatoria* á memoria de tua Mãe; — oração purissima de um filho orphão que prantea solitario sobre o tu mulo de sua Mãe.

— *A Ironia da Estatua* é tão perfeita que nos faz vêr Voltaire, com o seu sorriso philosophico e mordaz, constantemente deante de nós: — apostrophando valentemente os prejuizos do seu tempo!

Foste feliz na inspiração.

Reviveste VOLTAIRE com o seu sorriso que tanto apavorou o imperador Nicoláu, — sorriso com o qual no dizer de HUGO: « venceu o velho dogma, e o velho codigo. Venceu o senhor feudal, o juiz góthico, o padre romano; elevou a população á dignidade de povo. Ensinou, pacificou e civilisou. »

VOLTAIRE não morreu, graças á tua — *Ironia da Estatua* — e ás palavras profundamente eloquentes, como sempre, do Santo VICTOR HUGO, no centenario do grande homem.

— *Doces Cadeias*, poema em quatro cantos, inspiração de Campo Amor, é de um lyrismo encantador.

Os teus versos são nitidamente bellos.

Continúa a sonhar assim.

Lembro-te, porém, o conselho do poeta:

Cueillons les roses avant qu'elles se flettrissent.

Quando subires a montanha e encontraras o teu hórtio — talvez não possas publicar mais versos — porque essa é a triste sina dos poetas brasileiros; tal privilegio só é dado na França ao grande VICTOR HUGO, o viden te octogenario do seculo !

Terminarei com as palavras inspiradas do nosso commum amigo e distincto poeta ZALUAR, que cerrou os olhos para sempre, a proposito da 1^a edição do meu *Emilio*, publicado no tempo das minhas puras illusões — que tambem morreram :

« O teu livro é uma verdadeira flôr da primavera do talento. Tudo ahi são gallas e perfumes.

« E' um poema para o coração, um livro para a alma.

« Quando se entra já coroado de flôres no portico do mundo litterario, não é difficult ser propheta predizendo-te os triumphos de uma carreira brilhante. E' o que nós fazemos.

« A aurora dispontou radiante !

« Aproveitemos o dia antes que o sol desappareça no occaso !

« Felizes de nós se podermos acompanhar as conquistas de teus novos louros com o nosso brado de cordial admiração.

« Avante ! »

J. A. DE BARROS JUNIOR.

FIM DA COMEDIA

O panno sobe, e o povo, satisfeito,
Applaudie a farça, e ao riso não resiste ;
« Gosta um moço da filha de um sujeito,
E este não quer que a filha case ; ao triste

No fundo do jardim promette a amante
Um *rendezvous*, longe do pae tyranno ;
Mas pilha o velho o escandalo flagrante,
E ambos vão casar-se ... e cár o panno. »

Dizem os velhos que o theatro ensina,
Então tu podes sem pezar, menina,
Seguir este conselho : sólta a rédea

D'este amor, que é o meu e o teu tormento,
Que ha de a nossa comedia em casamento
Findar, como findou a tal comedia.

RAYMUNDO CORRÊA

Parlamentices

O discurso com que o Sr. deputado Ferreira Vianna recebeu o ministerio Paranaguá, foi muito elogiado, muito commentado, muito applaudido.

Para mim elle não passou de uma peça de sa-christia.

△

Depois que o ministerio Martinho entregou as pastas ao gabinete Lustosa, todos os deputados que votaram com a moção de desconfiança pediram a palavra para uma explicação.

Explicação de que ?

Todo o mundo não sabe que um ministerio que não servia era muito justo que o botassem fóra ?

△

Da deputação cearense o Sr. Meton é uma flôr. E como tem espirito !

Mal S. Ex. abre a boca para dar um aparte, cahem as catadupas de riso no recinto e nas galerias.

△

Os habitués das galerias queixam-se que o ministerio Paranaguá não faz barulho.

E' um ministerio que não offerece meios de divertimento.

O do Martinho, oh ! este sim.

O Sr. Ferreira Vianna, com a devida venia analysando um por um a todos os novos ministros, quando chegou ao Sr. Meira de Vasconcellos, da marinha, disse que o não conhecia, nunca o tinha visto mais gordo.

Nem eu tão pouco.

△

O Sr. Rodolpho Dantas já apparece todos os dias na camara, onde rouba a attenção das senhoras que occupam as tribunas, pela sua pose, pelo seu bigodinho preto e pela sua côr morena.